

# A ESCOLA DO CAMPO ENQUANTO LUGAR DE VALORIZAÇÃO DO SUJEITO DA TERRA

Mirieli da Silva Fontoura<sup>1</sup> - UFSM

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Eixo 4: Organização do trabalho pedagógico nas escolas públicas na Educação Básica (projeto político-pedagógico, gestão, currículo, avaliação, cultura, políticas de acesso e permanência).

**Resumo:** Este artigo tem como eixo temático a educação do campo, com o objetivo de refletir sobre a importância do lugar para a efetivação de uma educação voltada aos sujeitos do campo, no caso em estudo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigues Alves, localizada no município de Santa Margarida do Sul/RS. Entende-se que a escola inserida no campo, principalmente a instituição de Ensino que recebe educandos, cujos pais pertencem ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, deve levar em consideração os aspectos referentes à vida na área rural, bem como as peculiaridades existentes neste ambiente e a valorização das atividades produtivas nele desenvolvidas. Para o desenvolvimento desta análise, buscou-se refletir sobre as matrizes teóricas que nortearam a compreensão do tema em discussão. Posteriormente, fez-se necessário conhecer a realidade do Município de Santa Margarida do Sul, e principalmente estabelecer diálogos com a Secretaria de Educação. Por fim, percebeu-se um determinado antagonismo referente ao processo de inserção dos educandos que pertencem ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no cenário escolar citado.

**Palavras Chaves:** Lugar, Educação do Campo, MST, Assentamentos.

## 1. Introdução

O presente estudo tem como eixo temático a educação do campo e a valorização do lugar para efetivação desta proposta, que se direciona para as camadas populares que residem no espaço rural. Para tanto, buscou-se compreender a realidade educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigues Alves, que atualmente atende educandos filhos de pequenos agricultores; de trabalhadores Rurais Assalariados e filhos de acampados/assentados do MST.

Para desenvolver este trabalho buscou-se refletir sobre estudos teóricos referentes, ao “Lugar”, enquanto categoria de análise da ciência geográfica, onde se comprehende a necessidade da valorização no cenário escolar das experiências de vida obtidas pelos educandos, a partir da sua relação com o lugar. Isto se justifica devido à dificuldade de

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria ([mirielfontoura@yahoo.com](mailto:mirielfontoura@yahoo.com)).

Orientadora: Professora Dra. Ane Carine Meurer – UFSM ([acmeurer@terra.com.br](mailto:acmeurer@terra.com.br))

compreender o atual cenário da educação do Campo, sem considerar as experiências comuns e as histórias de vida da comunidade escolar.

Por fim, fez-se necessário conhecer a realidade do município citado, e estabelecer diálogo com a Secretaria de Educação, para averiguar questões referentes ao processo inserção dos educandos do MST na instituição de ensino mencionada, e a partir disso entender os antagonismos inerentes ao novo cenário que se instaurou na escola frente à territorialização dos assentamentos no Município.

## 2. Conhecendo o Município de Santa Margarida do Sul

O lugar em análise neste artigo é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigues Alves. É importante sinalizar que está instituição educacional, está situada na Unidade Territorial de Santa Margarida do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul (Imagem 1). Este município localiza-se na metade sul do Estado referido, conhecida como região da campanha gaúcha, limitando-se ao norte e ao oeste com o município de São Gabriel, a leste com Vila Nova do Sul e ao Sul com as unidades de Lavras do Sul e São Gabriel.

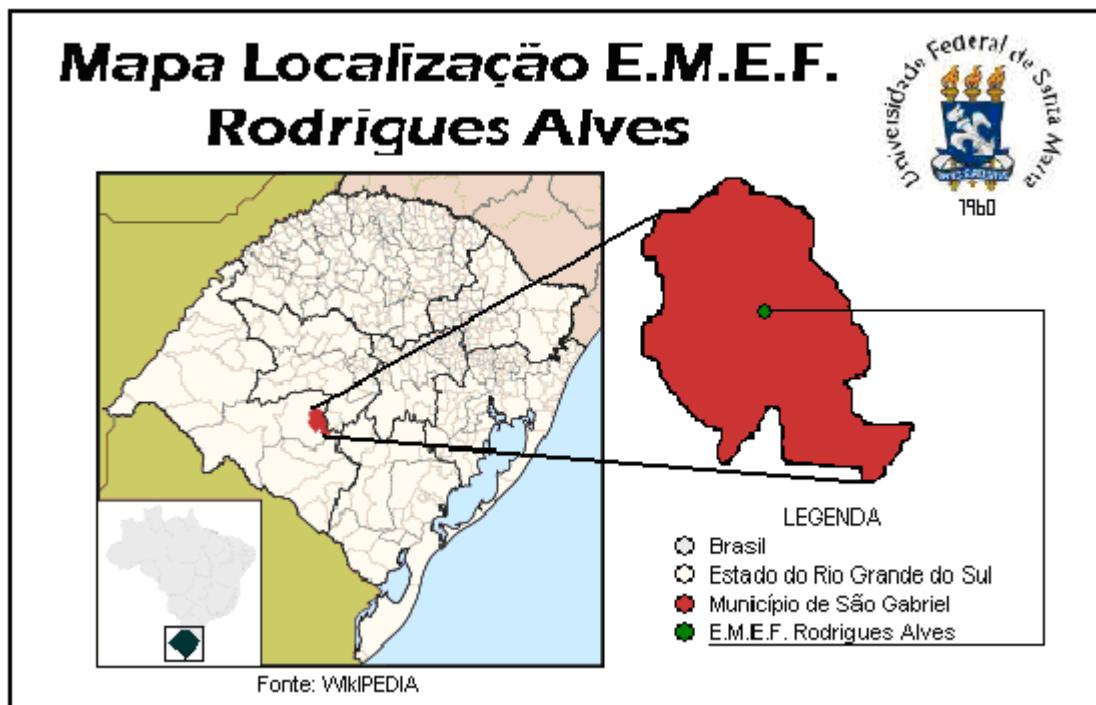


Imagen 1 – Mapa de localização da E.M.E.F. Rodrigues Alves

Em relação a sua história, Santa Margarida do Sul caracterizava-se como parte integrante de São Gabriel, cumprindo a função de Distrito. A partir da articulação de alguns moradores que acreditavam na proposta de emancipação, está localidade adquiriu o status de

Município. Esse projeto se consolidou no ano de 1996, no entanto, a escolha do administrador executivo desta local ocorreu apenas no ano de 2000, quatro anos após o seu desligamento enquanto distrito.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Santa Margarida do Sul, o seu primeiro prefeito foi o Sr. Orestes da Silva Goulart. Este cidadão apresentou-se como uma figura importante para o processo de desmembramento, já que dirigiu a comissão Emancipatória;

A Comissão Emancipatória, criada em 24 de junho de 1994, foi assim composta: Presidente: Orestes da Silva Goulart, Vice - presidente: Círio Pedrotti, 1º secretário: Darcy Froehlich; 2º secretário: Paulo César Saldanha Goulart; 1º tesoureiro: Italmar Maldonado Chaves; 2º tesoureiro: Círio Lauzen. Conselho Fiscal: Delir dos Santos Rocha, Jaci Martins Silveira, José Italazairu Brum. Suplentes: Elton Leão Faria, Marcelo Rodrigues Muller, Aristides Jovenal Jardim. (SANTA MARGARIDA DO SUL, 2012)

Este município, atualmente, é composto por cinco distritos, distribuídos em uma área territorial de 955, 303 km<sup>2</sup> (IBGE 2010), divididos em Distrito do Bolso, Distrito de Santa Margarida, Distrito de Serrinha, Distrito de Canas e o Distrito de Cambaizinho. Além disso, em conjunto com a sede municipal, totaliza uma população de aproximadamente 2352 habitantes (IBGE 2010), com a densidade demográfica de 2,46 hab./km<sup>2</sup>.

O setor econômico desta unidade territorial baseia-se principalmente na agropecuária. Em relação à produção agrícola, destacam-se o plantio da soja, arroz, trigo e painço. Além disso, a citricultura e a viticultura estão adquirindo espaço considerável entre os produtos cultivados. Referente à pecuária, observa-se a produção leiteira como importante atividade desenvolvida. Vale lembrar que, atualmente, Santa Margarida do Sul vivencia o processo de territorialização dos assentamentos no espaço rural, em que dinamiza a produção de produtos no lugar em que se insere. Em meio a esta perspectiva, Santa Margarida do Sul destaca:

O município de Santa Margarida do Sul, economicamente, apresenta dificuldades na oferta de empregos, sendo que filhos de pequenos agricultores deixam a zona rural, deslocando-se para as cidades em busca de melhores condições de vida. Isto devido à baixa renda familiar em pequenas propriedades de famílias numerosas. Para minimizar esta situação, o município vem se empenhando na organização e desenvolvimento da sociedade local objetivando melhores oportunidades de trabalhos para todos. (SANTA MARGARIDA DO SUL, 2012).

O comércio da cidade, ainda está em processo de desenvolvimento, oferecendo lojas de confecção, bazar, livrarias, lancherias, postos de gasolina, restaurantes e, empresas que articulam o processo de compra e venda referente aos produtos advindos da área rural. Vale lembrar, a presença de um espaço comercial, conquistado e administrado pelas mulheres oriundas do MST do assentamento Novo Horizonte II.

### **3. 1 Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigues Alves**

De acordo com a Secretaria de Educação, Santa Margarida do Sul possui uma única escola estadual e duas instituições de ensino municipais. Dentro disso, verificou-se que da totalidade de estudantes, 80% dos matriculados pertencem ao meio rural, e a grande maioria de seus professores residem na área urbana do município de São Gabriel/RS.

Em relação a E.M.E.F. Rodrigues Alves, a Secretaria de Educação enfatizou que, com o processo de inserção dos educandos oriundos das Escolas Itinerantes do MST, a instituição passou a enfrentar grandes dificuldades metodológicas, pois os 40 estudantes pertencentes ao assentamento apresentam dificuldades no processo de aquisição da língua escrita e nas disciplinas direcionadas ao uso de cálculos. De acordo com o exposto, as crianças e adolescentes do MST, representam o maior índice de reprovação entre os demais educandos.

Sobre este assunto, sinalizou-se que destes sujeitos que advém das Escolas do MST, alguns demonstram características de fome, medo e péssimas condições de higiene no contexto escolar. Em vista disso, visualizou-se que os educadores e educadoras estão buscando suprir as dificuldades no processo de ensino/aprendizagem destes sujeitos com as práticas de aulas de reforço e a realização de projetos de integração com os demais estudantes. Também foi possível constatar, a necessidade por parte dos(as) educadores(as) em compreenderem a proposta metodológica das Escolas Itinerantes, bem como as discussões inerentes a Educação do/no Campo, que busca valorizar a historicidade de todos os educandos envolvidos neste ambiente.

### **3. Lugar: sua importância no contexto educacional do campo**

O Lugar, enquanto categoria de análise geográfica merece destaque no presente texto, já que é necessário refletir sobre o atual cenário da educação do campo em conjunto com as experiências comuns e histórias de vida da comunidade escolar. Para concretizar um projeto educacional diferenciado, faz-se mister que o educador além de dominar os conteúdos que compõem o quadro programático da disciplina que ministra, conheça também o lugar, no qual a escola está inserida, bem como os aspectos culturais e produtivos que a envolve.

Tuan (1983), pergunta “O que é um lugar?” (p.4) e, posteriormente sinaliza que, o lugar pode ser o ambiente, cujo sujeito busca suprir suas necessidades biológicas e psicológicas, como por exemplo, fome, cede, carinho, proteção e conhecimento. Nesta acepção o autor destaca:

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.[...] as idéias de lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. (TUAN, 1983, p. 6)

Pode-se mencionar que o espaço e o lugar são elementos interligados. Portanto, é importante sinalizar de acordo com as pesquisas de campo realizadas na Secretaria de Educação do município envolvido, sendo que cerca de setenta por cento dos docentes que lecionam nas escolas localizadas nas áreas rurais da região, pertencem ao centro urbano do município de São Gabriel. Fato, que denota que poucos educadores partilham as significações próprias da vida no campo.

No entanto, apesar deste distanciamento, não impede que o profissional de ensino se comprometa com a proposta de construção de uma prática pedagógica “no” e “do” campo, ao experenciar as estruturas e sentidos presentes no lugar onde atuam. Pois como afirma Tuan (1983), “experenciar é um termo que abrange as diferentes maneiras, através das quais, uma pessoa conhece e constrói a realidade.” (p.9).

Neste sentido, Tuan (1983) expõe que:

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossas experiências. (TUAN, 1983, p.21)

Carlos (2007) enfatiza que, a partir da percepção do “lugar”, pode-se compreender o *conhecido* em um processo de *reconhecimento*, ou seja, entender as histórias particulares que o compõe, que se constituem, de forma entrelaçada, com os aspectos de uma determinada cultura, língua, e até mesmo de hábitos presentes no lugar, ao longo da história, ou até mesmo com comportamentos e maneiras de vida que vem de fora.

De acordo com o autor, o lugar origina-se a partir de elementos significativos, denominados na sua análise como “tríplice”, ou seja, a constituição do local caracteriza-se em relação ao sujeito social; tendo em vista a sua identidade, e por último o lugar. Entende-se que o homem enquanto matéria humana, por meio da sua ação, habita e se apropria do espaço, deixando marcas referentes ao modo como usa e o usufrui.

Nesta acepção Carlos (2007) destaca:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de

uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. “No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social”. (CARLOS, 2007, p.22).

Seguindo a mesma linha de análise do autor, verifica-se que o mundo descontina-se a partir da compreensão do lugar e das ações humanas constituidoras das significações coletivas e das práticas voltadas à sobrevivência, no qual: “cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si” (CARLOS, 2007 p. 23).

Para tanto, é imperioso em relação ao contexto educacional da E.M.E.F. Rodrigues Alves, oferecer ao educando ferramentas pedagógicas, que lhe possibilite em sala de aula, o entendimento de que a história do lugar é um processo dinâmico de construção. Haja vista que, a territorialização do assentamento do MST na área rural do Município citado é um demonstrativo de que o espaço habitado é (re)construído em consonância com as demandas humanas na luta pela sobrevivência e reconhecimento social.

Como afirma Carlos (2007), a história do lugar deve constituir-se como uma narração compartilhada e estudada no contexto escolar, já que o lugar se reproduz, além dos limites no qual o sujeito encontra-se inserido. A partir da proposta de pesquisa em questão, pode-se dizer que fora do assentamento e de suas casas as crianças e adolescentes estabelecem novas relações intra-pessoais, formadora de uma rede, na qual múltiplos se encontram.

Com efeito, tanto os educando assentados, filhos de trabalhadores rurais assalariados, quanto os filhos de pequenos, médio e grandes agricultores rurais, partilham de experiências íntimas com os elementos do lugar; dentre eles: as paradas de ônibus, o transporte escolar e as ruas. Também na escola, experimentam no universo coletivo da sala de aula, as práticas pedagógicas e recreativas, independentemente da condição econômica de suas famílias.

Peres expõe que:

O lugar é uma dimensão que não pode ser ignorada pela escola, sobretudo na educação do campo, pois o modo de vida de cada sujeito que habita a comunidade rural está impregnada da bagagem cultural trazida pelos primeiros camponeses, não obstante as influências globais.

De acordo com a autora, a proposta de educação do campo busca “territorializar/reterritorializar o conhecimento e saberes, trazendo a cidadania aos habitantes da área rural” (PERES, p.47), ou seja, construir uma escola voltada à realidade do homem da terra, construída a partir das necessidades e, principalmente junto com a comunidade escolar.

Em relação à proposta de uma educação do campo, Bustos Jiménez (2011) destaca que, para educador que atua nas unidades de ensino localizadas no espaço rural também se faz necessário interpretar e compreender a cultura e o processo educativo da comunidade escolar, dialogar coletivamente com os sujeitos, para oportunizar a inserção dos pais e familiares dos estudantes no cenário escolar, pois desta forma, se efetivará o primeiro passo para uma melhora significativa no processo de ensino/aprendizagem do educandos do campo.

Em meio a esta perspectiva, o autor menciona que somente se efetiva uma participação plena dos membros que compõe a comunidade envolvida no processo educativo, no momento que estes sujeitos adotarem uma postura ativa perante a formação educacional de seus filhos. Para o autor está ação “no solo se trata de una oportunidad para las familias de configurar su condición de ciudadano, sino aportaciones encajan con la determinación democrática de asumir la escuela como una verdadera comunidad” (p.1007).

Para a consolidação de uma proposta social para o meio rural, Bustos Jiménez menciona a importância de valorizar a cultura do meio e destaca:

Comienza con el estudio del medio cultural y con la construcción de puentes de comunicación y colaboración. El paso siguiente es la incorporación de la cultura del alumno y del conocimiento local para el proceso pedagógico. Al final de este proceso los profesores deben ser culturalmente *bilíngües* en los dos idiomas silenciosos: el de la cultura del colegio y el de la cultura de la comunidad. (p. 1008)

A partir do exposto, comprehende-se que no desenvolvimento das pesquisas referentes, ao reconhecimento do lugar no qual a escola está inserida, e com o processo de democratização do ensino, que acarreta a abertura de espaços dialógicos com a comunidade escolar, verifica-se que estes sujeitos do campo, podem contribuir de forma significativa no cenário educacional, pois no interior de cada agricultor, de cada camponês, de cada trabalhador rural, habitam saberes seculares. Portanto valorizar estas experiências de vida pode empoderar a escola com “la riqueza de la comunidad” e o próprio educador poderá vivenciar “un rol de aprendiz junto al alumnado” (BUSTOS JIMÉNEZ, 2011, P. 107).

#### **4. Um recorte teórico sobre educação do campo**

A educação do campo busca refletir e construir uma proposta educacional direcionada especificamente às camadas populares que residem no espaço rural, constituindo metodologias que visam à valorização e o reconhecimento da vida no campo, valorizando as identidades culturais, e principalmente destacando a importância deste lugar para o contexto global.

Compreende-se que as reflexões acerca desta temática, surgiram a partir das reivindicações dos movimentos sociais do campo, e em especial, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que busca a consolidação de uma educação relacionada e comprometida com as vivências do sujeito da Terra.

Em vista disso, Caldart (2009) sinaliza que a escola do campo deve interagir com o ambiente na qual se encontra, e a partir de seu projeto político-pedagógico pode-se consolidar a autonomia no ato de educar e ensinar, bem como construir uma identidade com o lugar, no qual a instituição educacional está inserida, para possibilitar ao educando sua identificação como sujeita da terra.

Neste sentido Wizniewsky (2010) expõe,

O campo não é lugar de atraso, é história vivida. A escola do campo deve ser pensada para que seja viva, e interaja com o lugar e seus sujeitos. Para que a escola do campo seja viva, ela deve ser construída por sua comunidade, pensada para ajudar no processo de desenvolvimento social, para manter a cultura, a raiz e a história daquele lugar. (p.33)

Faz-se necessário que os educadores e educadoras que residem nas áreas urbanas e lecionam em escolas localizadas no meio rural, visualizem o campo como um espaço importante para o contexto social, onde se encontram saberes acumulados e fecundos de sentidos e por isso devem ser valorizados no processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Meurer (2010), a educação do campo deve ser vista de maneira diferenciada o que demanda pensar nos sujeitos que a integram. Desta forma, é importante os educadores refletirem sobre quem são seus alunos, o que seus pais produzem, quais os projetos de vida que permeiam o imaginário dos estudantes, bem como compreender a história que o educando constituiu com o ambiente no qual vive e valorizar estes aspectos no processo de formação desses sujeitos.

De acordo com a mesma autora, a escola não pode isolar-se do contexto social, produzindo apenas conhecimentos fragmentados, sem relação com as histórias de vida de seus educando, e sim buscar promover a emancipação destes sujeitos, e abrir espaços para a participação da comunidade escolar no contexto educacional. Portanto, a autora afirma que:

Para o projeto político-pedagógico da escola do campo estar vinculado ao seu desenvolvimento, com sustentabilidade e solidariedade, precisam articular-se no sentido de reconstruir valores, diferentes do capitalista patronais, ainda presentes em nossa cultura. (p. 25)

Dentro desta perspectiva, é importante que o educador relate a disciplina que ministra com as questões referentes à realidade dos educandos, aproximando a escola da sociedade, e desta forma possibilitar aos educandos a compreensão do cenário no qual se encontram inseridos, enquanto sujeitos coletivos. Pois como argumenta Alves (2008), o educador que demonstrar comprometimento com o lugar na qual leciona, também demonstrará amor pela sua profissão, ou seja, indica o caminho para o educando construir seu conhecimento, e ao mesmo tempo se faz presente neste processo educativo.

Por fim, vale acentuar, que todo educador pode se constituir como um “arquiteto rebelde” em seu fazer pedagógico, expressão essa utilizada por Harvey (2004), pois todos os agentes sociais são dotados de possibilidades de construir novas perspectivas para compreender e intervir no contexto das práticas sociais e coletivas, o que demanda um olhar voltado às humanidades, a reflexão crítica no fazer pedagógico e o respeito à diversidade cultural.

## **5. Considerações Finais**

Por fim, como iniciativa para o desenvolvimento das Escolas no Campo, faz-se necessário a construção de referenciais teóricos e práticos voltados à realidade do meio rural, cujos espaços/tempos das práticas pedagógicas encontrem seus sentidos nas relações de pertencimento, tecidas pelos educandos no cotidiano das lidas campeiras e nas formas delineadas pelo jeito de ser instituído nos costumes das famílias rurais. E, principalmente, nas interlocuções dialógicas instituídas pelas crianças, adolescentes e jovens que constroem diariamente junto a seus pais o espaço habitado e a cultura dos sujeitos coletivos, que dedicam seu labor e muitas vezes o trabalho de uma vida inteira voltada à produção de alimentos e matérias primas, para suprir as necessidades de alimentação da coletividade, tanto no universo da vida no campo, quanto da cidade.

Portanto, é de suma relevância que os educadores e educadoras das escolas rurais, compreendam os aspectos históricos e culturais que envolvem o entorno da realidade constituíadora das significações dos seus educandos(as) com os quais atuam no processo de ensino e aprendizagem, e, por conseguinte na efetivação de suas práticas pedagógicas, ou seja, conhecer a dinâmica do lugar, no qual a escola se insere para proporcionar uma educação voltada à realidade das crianças e adolescentes que residem no meio rural.

No caso da E.M.E.F. Rodrigues Alves, verifica-se que a partir da inserção dos alunos oriundos das Escolas Itinerantes do MST, a necessidade de constituir espaços-tempos de

reflexão que oportunizem à comunidade escolar o entendimento das novas demandas das escolas frente a presença fáticas dos filhos dos assentados, oriundos da Reforma Agrária do Rio Grande do Sul. Nesta acepção acredita-se que conduzir as aulas apenas por meio da problematização dos conteúdos de forma convencional, modela-se à educação a um processo pedagógico mecânico, permeado por técnicas de repasse de conteúdos sem vinculação com as experiências dos educando.

Também se entende que o processo de construção e reconstrução do projeto político-pedagógico, junto e a partir das necessidades da comunidade escolar pode contribuir para a construção de uma educação do campo, instituída pelas significações dos sujeitos coletivos, nas suas múltiplas dimensões no processo de luta pela vida, fato que requere das práticas pedagógicas o respeito à diferença e, portanto, uma atitude de alteridade. Pois a partir de reuniões com os sujeitos envolvidos no contexto educacional, é possível traçar uma proposta investigativa sobre o lugar, os elementos que materializam a cultura e a identidade daquele espaço rural, afim de, compreender os saberes acumulados do sujeito do campo.

## 6. Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Ensinar, Cantar, Aprender.** Campinas, São Paulo: Papines, 2008.

BUSTOS JIMÉNEZ. Antonio. **Escuelas rurales y educación democrática. La oportunidad de la participación comunitaria.** Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:DOAJ&id=doi:&genre=&isbn=&issn=&date=2011&volume=%2014&issue=%202&spage=&epage=&aulast=Jiménez&aufirst=Antonio%20Bustos&auinit=&title=%20Revista%20Electronica%20Interuniversitaria%20de%20Forma>. Acesso em 3 de julho de 2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados Cidades @ - Santa Margarida do Sul.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 16 de junho de 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do Mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, 85p..

CALDART, Roseli Salete. Elementos para Construção do Projeto Político e pedagógico da Educação do Campo. In: **Trabalho necessário.** Ano 2, número 2, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN02%20CALDART,%20R.S..pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2011.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança.** São Paulo: Loyola, 2004.

MEURER, Ane Carine. Projeto Político Pedagógico Escolar: Questões a serem refletidas nas Escolas do Campo. In: MATOS, Kelma & WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores et al. (Org.). **Experiências e Diálogos em Educação do Campo.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

WIZNIEWKY, Carmen Rejane Flores. A Contribuição da Geografia na Construção da Educação do Campo. In: MATOS, Kelma & WIZNIEWKY, Carmen Rejane Flores et al. (Org.). **Experiências e Diálogos em Educação do Campo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PERES, Pâmela Corrêa; WIZNIEWSKY, Carmem Rejane Flores. **Desafios na Formação de Sujeitos do Campo: O Caso da Escola Fernandino Fernandes, Santa Maria**. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppggeo/files/ebook01/Art.3.pdf>> , acesso em: 17 de junho de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARGARIDA DO SUL. **A Cidade**. Disponível em <[http://www.santamargaridadosul.com/site/?sm=sm\\_cidade](http://www.santamargaridadosul.com/site/?sm=sm_cidade)> . Acesso em: 15 de junho de 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.